

A Epístola aos Romanos - Estudo 9

Elaborado por Leandro Abrantes

estudosmec@pibrj.org.br

O povo eleito de Deus (Rm 9)

Como escreve o comentarista bíblico e pastor batista Warren Wiersbe, embora o trecho compreendido entre os capítulos 9 e 11, pareça uma digressão entre os ensinamentos doutrinários no capítulo 8 e os deveres práticos abordados nos capítulos 12 a 15, tem, na verdade, notória importância para a argumentação de Paulo em favor da justificação pela fé. Deve-se ter em mente que o contexto era de grande oposição dos judeus, que consideravam Paulo um traidor, pelo fato de ele ministrar aos gentios e pregar a liberdade da Lei de Moisés. Ainda assim, o apóstolo demonstra seu amor por Israel e seu anseio pelo bem de seu povo. Além disso, Paulo argumenta que o cristão está seguro em Jesus Cristo e que a eleição de Deus permanece. No capítulo 9, temos um estudo do caráter de Deus, mostrando que a história de Israel engrandece Seus atributos, em especial a Sua fidelidade, a Sua justiça, a Sua soberania e a Sua graça.

A história de Israel foi marcada por bênçãos, dentre as quais Paulo enumera: a) sua eleição como nação especial (4a); b) sua adoção por Deus (4b,5); c) a revelação da glória divina (4c); d) o recebimento de alianças (4d); e) a lei (4e); f) o privilégio de adorar a Deus (4f); g) as promessas messiânicas (4g); h)

ancestrais piedosos (5a); i) o fato de ser o povo do qual Cristo veio (5b). Apesar dessas bênçãos, no entanto, Israel fracassou. Quando o Messias veio, Israel o rejeitou e crucificou. Ninguém sabia disso melhor que Paulo, pois, em sua juventude, ele próprio havia perseguido a Igreja. Mas o fracasso de Israel significava que a Palavra de Deus havia falhado? De modo algum! Deus é fiel, isto é, Ele é digno de crédito, não importa o que os homens façam.

A eleição de Israel não se deu por *descendência natural* (6-10) nem por *mérito humano* (11-13). Há uma diferença entre os descendentes naturais de Abraão e os filhos espirituais de Abraão. Quanto à descendência natural, Abraão teve dois filhos, Ismael (com Hagar) e Isaque (com Sara). Uma vez que Ismael era o primogênito, deveria ter sido escolhido, mas Deus escolheu Isaque. Rebeca e Isaque tiveram os gêmeos Esaú e Jacó. Como primogênito, Esaú deveria ter sido o escolhido, mas Deus escolheu Jacó. E, ao contrário de Ismael e Isaque, que eram apenas meio irmãos, Esaú e Jacó eram irmãos por parte de pai e mãe, o que mostra que Deus não baseou sua eleição no elemento físico. Por esse motivo, se a nação de Israel – os descendentes físicos de Abraão – rejeitou a Palavra de Deus, isso não anula, de maneira alguma, os propósitos eletivos de Deus. Deus escolheu Jacó antes de os bebês nascerem. Os dois

meninos não haviam feito qualquer bem ou mal, de modo que a escolha de Deus não se baseou em sua conduta nem em seu caráter. Uma vez que o fato de Israel ter sido escolhido por Deus não depende de mérito humano, sua desobediência não anula os propósitos eletivos de Deus. Deus é fiel mesmo quando seu povo é infiel.

Mais adiante, Paulo cita Êxodo 9.16 usando Faraó como ilustração. Moisés fazia parte do povo escolhido de Deus, e Faraó, não. Contudo, ambos eram pecadores. Na verdade, ambos eram assassinos! Ambos viram os prodígios de Deus. No entanto, Moisés foi salvo e Faraó se perdeu. Deus levantou Faraó para que pudesse revelar sua glória e poder; e teve misericórdia de Moisés para que pudesse usá-lo a fim de livrar o povo de Israel. Faraó era um governante poderoso, e Moisés era apenas um pastor hebreu. No entanto, foi Moisés quem experimentou a misericórdia e a compaixão de Deus - pois Deus assim o desejou. O Senhor é soberano em sua obra e age de acordo com sua vontade e seus propósitos. Deus é santo e deve castigar o pecado; mas Deus é amoroso e deseja salvar os pecadores. A salvação de todos seria uma negação de sua santidade, mas a perdição de todos seria uma negação do seu amor. A solução para esse dilema é a eleição soberana de Deus.

Essa realidade da vontade soberana de Deus parece, contudo, criar um novo problema. “Se Deus é soberano, então quem pode lhe resistir? E se alguém lhe resiste, que direito ele tem de julgar?” Trata-se da questão antiquíssima da justiça de Deus em sua operação na história humana.

Deus não salva as pessoas com base em seu nascimento ou comportamento. Ele as salva “pela graça [...] mediante a fé” (Ef 2:8, 9). Não se trata de uma questão de estar ou não entre os eleitos de Deus. Esse é um mistério que somente Deus conhece. O Senhor oferece a salvação pela fé. Essa oferta é feita “a quem quiser” (Ap 22:17). Depois que cremos em Cristo, temos o testemunho e as evidências de que estamos entre seus eleitos (Ef 1:4-14; 1 Ts 1:1-10). Antes, porém, devemos crer em Cristo e receber pela fé a justiça de Deus, a única que pode nos garantir a eternidade no céu. Ninguém pode negar que a soberania divina e a responsabilidade humana são envoltas em mistérios. Em momento algum, Deus pede que optemos por uma dessas verdades, pois ambas vêm de Deus e fazem parte de seu plano. Não se encontram em uma relação de competição, mas sim de cooperação. O fato de não sermos capazes de compreender plenamente como essas duas verdades funcionam em conjunto não anula a realidade de sua inter-relação.